

A DIMENSÃO HUMANA EM UMA SOCIEDADE GLOBALIZADA

FERNANDO LINS DE CARVALHO¹

ABSTRACT

Technological revolutions, mainly the information technologies, have remodelled the material base and also, as a consequence, the behavioral base of the human society. In this paper, the post modern characterization of human behavior is considered in five dimensions. The first one, the spiritual recapture as existential harmony. The second one, is the use of massive ways of communication and the “social periscope” as a new understanding of space. The third dimension is the individual, its mark and the renew of racism. The new relationships between man and object define the fourth dimension, considering civilization as a biodegradable product. As a conclusion, the new quotidian values, which permit consider the crise magnitude over the human life basis, is the fifth dimension.

¹ Mestrando em Geografia (Estudos Arqueológicos) da UFS, Assessor de Antropologia do MAX.

Nas últimas décadas algumas expressões tentam melhor definir a época que vivemos: A **“Terceira Onda”**, de Alvin Toffler, caracterizando o terceiro milênio, **“Sociedade Informática”**, de Adam Shaff ou **“Aldeia Global”**, de McLuhan, ambos aglutinantes da principal tecnologia hoje vivenciada. Gradativamente a palavra globalização impôs e povoa o cotidiano. Na relação dialética entre o ontem e o amanhã, irmã siamesa da pós-modernidade, a globalização se impõe como um adjetivo capaz de qualificar tudo e, portanto, dizer muito pouco. Pós-Modernidade e Globalização como negação de valores ultrapassados.

“No fim do segundo milênio da Era Cristã, vários acontecimentos de importância histórica têm transformado o cenário social da vida humana. Uma revolução tecnológica concentrada nas tecnologias da informação está remodelando a base material da sociedade em ritmo acelerado. Economias de todo o mundo passaram a manter interdependência global, apresentando uma nova forma de relação entre a economia, o estado e a sociedade em um sistema de geometria variável. O colapso do estatismo soviético e o subsequente fim do movimento comunista internacional enfraqueceram, por enquanto, o desafio histórico do capitalismo, salvaram as esquerdas políticas (e a Teoria Marxista) da atração fatal do marxismo-leninismo, decretaram o fim da Guerra Fria, reduziram o risco do Holocausto Nuclear e, fundamentalmente, alteraram a geopolítica global.” (CASTELLS, 2000)

A modernidade atrela-se ao progresso, em ingênua suposição de que o processo de modernização elimine, por si só, o subdesenvolvimento, injustiças sociais, a almejada promoção humana.

Preliminarmente, portanto, torna-se necessário delimitar e caracterizar a modernidade à qual faremos referência neste espaço de reflexão.

Abordada diacronicamente, a modernidade tem suas raízes na renascença, com a consolidação dos Estados Nacionais, o primado da razão e a gradual emergência da conceituação do homem. No humanismo renascentista, a sacralidade do mundo não é mais divina e sim humana. O homem passa a viver de si e para si mesmo, apoiado no próprio ser. Enfim, encontra o seu domicílio. Descobre-se nas artes, na natureza, na ciência, nas letras. Alarga a sua visão do cosmo e constata-se universal.

O equilíbrio humano encontra-se na relação entre os universos tangíveis e não-tangíveis. A materialidade que envolve o ser é esgotável em si mesma, em sua finitude. Busca-se a espiritualidade, o intangível, forças cósmicas essenciais ao equilíbrio existencial.

A pós-renaissance cristaliza a razão como a fonte da liberdade e condição da pessoa humana. Ciência, técnica, progresso, princípios que passaram a nortear o comportamento humano. Michael Foucauld, em “As Palavras e as Coisas” cita o homem como uma recente invenção da arqueologia do nosso pensamento. Fala do homem como subproduto pós-cartesiano de objetivar as coisas, de considerar tudo como quantificável e previsível, regido por simples normas de causa e efeito.

Abordada sincronicamente, constata-se que após quatro séculos de consolidação, a modernidade chega ao seu término com o advento de uma nova era, identificada como pós-moderna, pela ausência de uma outra expressão mais adequada. Goethe, delineando uma antevisão consciente de profundas mudanças nas relações humanas, após o industrialismo, testemunhava a morte do humano, da civilidade, em concepção pós-renascentista.

No entanto, o que está a morrer não é a noção de homem mas sim, o estabelecimento de uma noção insular do homem, separada da natureza e da sua própria natureza: o que deve morrer é a auto-idolatria do homem, a maravilhar-se com a imagem pretensiosa da sua própria racionalidade.

KUJAWSKI (1988) comenta que à sacralização pós-renascentista, criando os “nossos” heróis, feitos, ritos, etc., o final do século XX tem trazido a dessacralização, a profanação. Diz o autor que “Há um sabor maldito de profanação em todo ato externo de violência - na crueldade sádica da tortura e do estupro, na sanguinolência, no atentado terrorista, no prazer perverso da depredação da natureza, de um bem público ou de um monumento histórico, no massacre de inocentes e no ataque ao indefeso”.

Em texto muito visitado, BERMAN (1986) lista algumas características da modernidade:

- 1 - A partir das descobertas científicas, a mudança da nossa imagem do universo e do lugar que ocupamos nele;
- 2 - A transformação rápida do conhecimento científico em tecnologia, tornando obsoletas as inovações de ontem, acelerando o próprio ritmo de vida;

- 3 - Descomunal explosão demográfica, com rápidos e catastróficos crescimentos urbanos;
- 4 - O império dos sistemas de comunicação de massa, homogeneizando as sociedades humanas;
- 5 - Mercado capitalista mundial, em expansão;
- 6 - Movimentos sociais de massa;
- 7 - Estados nacionais cada vez mais poderosos, burocraticamente estruturados e geridos.

A Globalização é uma forma mais avançada e complexa de internacionalização, implicando um certo grau de integração funcional entre as atividades humanas. Nas complexas relações inter e intra culturais, o mundo torna-se um subsistema, englobando outros sistemas menores, em tamanho e complexidade.

“Fala-se cada vez mais em um sistema-mundo, isto é, no conjunto articulado no interior do qual todos os elementos se encontrariam funcionalmente determinados pelo todo”. (ORTIZ, 1994)

E o que caracteriza o comportamento humano na pós-modernidade, em um mundo globalizado, a aldeia de Mcluhan? Pretendemos tecer, portanto, algumas reflexões sobre o assunto.

A PRIMEIRA DIMENSÃO: O CONFLITO ENTRE A NÃO TANGIBILIDADE E A RETOMADA DA ESPIRITUALIDADE.

O homem desolado parece ser o primeiro referencial para uma verticalização sobre o homem.

O entendimento buscado sobre si mesmo, pela ciência, leva-nos à constatação de um desconhecimento inerente à estrutura do nosso ser. A racionalidade pós-cartesiana, fenece a partir de teses psicanalíticas onde o homem se constata possuidor de um outro, que não ele mesmo. Podemos resumir o conflito em uma simples frase: “Não sei quem sou e onde estou”.

Inserese o homem no casulo das indagações. Sartre nos leva à constatação de nossa mera contingência, em um mundo que poderia ter existido sem nós. Não somos essência mas uma existência.

O conhecimento de si mesmo, é a alta meta da indagação filosófica. O que é o homem? A criatura que está em constante busca de si mesma, nos ensinou Sócrates. Como situarmos o homem neste início de século? Esquizofrênico? Esquizóide? A incomunibilidade, a solidão, o tédio, a melancolia, o desgosto, expressões que se expandem notadamente nos grandes centros urbanos, identificadores do seu sofrimento constante e aceito, parte integrante de sua experiência. Hanna Arendt cita o desenraizamento e a inutilidade como componentes das massas modernas, depois da revolução industrial.

“(...) uma criatura que, em todos os momentos da sua existência, deve examinar e escrutinar as condições de sua existência. Nesse escrutínio, nessa atitude crítica para com a vida humana, consiste o real valor da vida humana. “Uma vida que não é examinada”, diz Sócrates em sua apologia, “não vale ser vivida”. Podemos epitomizar o pensamento de Sócrates dizendo que o homem é definido por ele como o ser que, quando lhe fazem uma pergunta racional, pode dar uma resposta racional. Tanto o seu conhecimento como a sua moralidade estão compreendidos nesse círculo. É por essa faculdade fundamental, por essa faculdade de dar uma resposta a si mesmo e aos outros, que o homem se torna um ser “responsável”, um sujeito moral”. (CASSIRER, 1994)

O homem em todas as culturas humanas e em toda evolução do sapiens-sapiens, encontrou seu ponto de equilíbrio existencial na relação entre os universos: tangível e não tangível. A materialidade, a natureza, o permanente diálogo entre o homem com outros, em sociedade, compreende o espaço tangível e que só encontra o seu equilíbrio na transcendência, na espiritualidade.

É do sagrado que o homem espera todo o socorro e todo o êxito. O respeito que ele lhe testemunha é feito simultaneamente de terror e de confiança. As calamidades que o ameaçam, de que ele é vítima, as prosperidades que ele deseja ou lhe calham por sorte são por ele relacionadas com determinado princípio que se esforça por vergar à sua vontade ou coagir. Na modernidade o homem retoma o espaço mágico-mítico das religiosidades, na busca do equilíbrio vivencial.

Os deuses foram criados pelo homem para preencher os espaços de angústia e estabelecer a sustentação à tangibilidade.

“A angústia é o reconhecimento de que as coisas têm o significado que lhe damos, que o sistema de significados através do qual definimos a cada momento a nossa situação é atribuído ao mundo por nós, e que, portanto, não podemos derivar deles a maneira de ser do mundo. Assim, cada um de nós é responsável pelo mundo em que vive. (...) “Os significados que minha liberdade deu ao mundo eu os aprendo como provindos do mundo”. A angústia é a intuição contrária e presumivelmente a correta: “Eu me apercebo de mim mesmo como inteiramente livre e incapaz de inferir o significado do mundo a não ser como provindo de mim próprio”. (DANTO, 1978)

Quando Nietzsche anunciou a morte de Deus, seria possível edificar o super-homem proposto pelo filósofo apenas na dimensão do tangível, o universo dos objetos? Excluída a espiritualidade, a vida passa a ser uma trajetória desportiva de sentido, que se estende de um nada ao outro. O século XX tentou reduzir o homem à sua feição técnica de homo-faber. Como reação, as culturas humanas pós-modernas estão resgatando a religiosidade, retornando o caminho das deificações, estremadas até um suas feições mágicas, na luta entre os princípios básicos do bem e do mal. O avanço de religiões pentecostais e movimentos carismáticos, testemunham a retomada da mágica presença de Deus.

Jamais se conheceu e se conhecerá uma sociedade humana, que se disponha a matar deuses e mitos e sobreviva. Aquele que vive em harmonia consigo mesmo, administrando os seus demônios, vive em harmonia com o seu universo. Para ambos, a ordem universal e a ordem pessoal não passam de diferentes expressões e manifestações de um princípio comum subjacente.

A SEGUNDA DIMENSÃO: OS MEIOS MASSIVOS DE COMUNICAÇÃO E O PERISCÓPIO SOCIAL

A idéia de um encolhimento do espaço é generalizada. Dentro de uma nova ordem, o espaço é representado como algo que se desagrega. Os homens estavam acostumados a transitar no interior de um continuum espacial a uma velocidade que os integrava à paisagem. Estabelece-se um novo paradigma na relação entre o próximo e o distante. Descontextualizado, o homem pós-moderno, globalizado, utiliza-

se de um periscópio social, os meios massivos de comunicação, notadamente a televisão, para se debruçar sobre o social. O distante torna-se próximo e o que é próximo, não atingido pelas lentes do periscópio, não existe. A dimensão universal do homem o desloca de sua circunstância. Conhecemos a abstração do todo e nos distanciamos da proximidade concreta de nossas particularidades. Esta dimensão possibilita o desencaixe das relações sociais. O espaço é assim esvaziado de sua materialidade, definindo-se em relação a outros espaços distantes. O espaço, que surgia ainda como resistência à mobilidade total, definindo os indivíduos em relação às cidades, aos países, transubstancia-se em elemento abstrato.

A consciência do universal na globalização tem enfraquecido os laços de parentesco e vizinhança. Vivemos uma crise na sociabilidade que tem empobrecido o universo afetivo e minimizado o aprendizado da convivência em grupo. Há uma conquista da consciência infeliz, uma “dessublimação repressiva”, na expressão de MARCUSE, ao abordar a massificação da cultura.

“As conquistas e os fracassos dessa sociedade invalidam sua cultura superior. A celebração da personalidade autônoma, do humanismo, do amor trágico e romântico parece ser o ideal de uma etapa atrasada do desenvolvimento. O que está ocorrendo agora não é a deterioração da cultura superior numa cultura de massa, mas a reputação dessa cultura pela realidade. A realidade ultrapassa sua cultura. O homem pode hoje em dia fazer mais do que os heróis e semideuses da cultura; resolveu muitos problemas insolúveis. Mas também traiu as esperanças e destruiu a verdade que eram preservadas nas sublimações da cultura superior. Na verdade, a cultura superior esteve sempre em contradição com a realidade social, e somente uma minoria privilegiada gozava de suas bênçãos e representava os seus ideais. As duas esferas antagônicas da sociedade sempre coexistiram; a cultura superior sempre foi acomodativa, enquanto a realidade raramente foi perturbada por seus ideais e sua verdade” (MARCUSE, 1969).

TERCEIRA DIMENSÃO: O INDIVÍDUO, SUA MARCA E A RETOMADA DO RACISMO.

Há uma dimensão ética na pós-modernidade, ao serem abordadas determinadas responsabilidades sociais. Um exemplo, a procriação. O casal tem o direito de determinar o número de filhos que deseja? Theodósius Dobzhansky, ao abordar o impressionante crescimento da população mundial, hoje com mais de cinco bilhões, toca uma questão sócio-biológica: super população e as desigualdades no consumo, onde a população dos Estados Unidos, representando apenas 6% da mundial consome mais da metade das matérias primas produzidas. Dois terços do globo são subalimentados. A pressão demográfica decorrente, tem exigido dos países do primeiro mundo, o estabelecimento de um fosso higiênico para impedir o acesso de cidadãos do terceiro e quarto mundos aos seus territórios. O racismo na Europa e nos Estados Unidos tem atingido proporções alarmantes ao final deste século. A verdadeira face do racismo, historicamente vinculado às questões econômicas e geopolíticas aflora de uma forma violenta, em uma máscara horrenda, desprezível. O Darwinismo social ressurgiu.

No início do terceiro milênio retoma-se o darwinismo social. A evolução humana volta a ser abordada a partir de uma falsa premissa: a da diferenciação potencial, qualificante, das raças humanas. Nega-se direitos iguais a negros, asiáticos e mestiços. Chega-se ao extremo racista de “expulsar a parte gangrenada” para garantir o futuro em um mundo branco e ocidental. Como no século XIX, “a perfectibilidade seria um atributo de poucos, um sinal de superioridade de alguns grupos em detrimento de outros”. (SCHWARCZ, 1993)

A Organização Internacional do Trabalho (OIT) das Nações Unidas adotou o conceito, hoje difundido, de exclusão social. Refere-se o termo aos direitos sociais dos cidadãos, a um determinado padrão de vida básico e à participação nas oportunidades sociais e ocupacionais mais importantes da sociedade. Não há existência autônoma e, sim, indigência social. Em suas múltiplas faces, emerge a exclusão social como discriminação contra a alteridade, o outro, personificado nos imigrantes, mulheres, idosos, crianças e minorias. Não há tolerância, inviabiliza-se a convivência. A virulenta das exclusões, a exclusão do direito ao trabalho. Outra virulenta exclusão, a dimensão étnica. A dimensão étnica do homem volta a empurrá-lo para a tribo, violentan-

do os avanços do ecumenismo. A diversidade é o novo ideal a ser frisado. A fragilidade do Estado em sua pluralidade étnica, reforça o municipalismo. Dá-se, na dimensão da pós-modernidade e na existência do globalismo, uma aguçada consciência étnica e racial, em sua expressão menor.

QUARTA DIMENSÃO: AS NOVAS RELAÇÕES DO HOMEM COM O OBJETO

O escritor Alvin Toffler, em “As Mudanças do Poder” apresenta como um componente da pós-modernidade, o acesso democrático ao conhecimento e que desencadeará a mais democrática das revoluções, permitindo-se a fragmentação do poder. Cita uma lenda japonesa em que três objetos sagrados, simbolizando o poder, foram ofertados à Deusa do Sol: a espada, a jóia e o espelho.

A espada, primeira expressão do poder, simboliza a violência, um poder de baixa qualidade, pois só pode ser usada para punir. O segundo objeto, a jóia, representa o dinheiro, a segunda forma de poder, considerado de qualidade média, pois pode ser usado não apenas para punir como também para premiar e subornar. Mas falta àqueles poderes, a mais expressiva de todas as formas. O convencimento gerando relações inarredáveis entre pessoas e só obtido do terceiro objeto, o espelho, simbolizando o conhecimento. A partir do espelho, todos os outros objetos podem ser obtidos. O conhecimento é o maior de todos os poderes, a mais efetiva forma de dominação.

As empresas contemporâneas perceberam que o maior investimento a ser feito, e com ele o acesso à pós-modernidade, é o da difusão do conhecimento. As empresas tradicionais concentravam o conhecimento e o trabalho mental em uns poucos, os do topo. O poder multiplicador era mínimo e perdas humanas poderiam representar a falência de uma empresa. Alvin Toffler apresenta o fim dos cubículos nas empresas, como a única saída para a modernidade, para o acesso ao verdadeiro poder, o do conhecimento. Diante do terceiro objeto, o espelho, refiro-me a dois aspectos essenciais na pós-modernidade: a expansão dos meios de comunicação e a informática.

O que caracteriza o novo sistema de comunicação, baseado na integração em rede digitalizada de múltiplos modos de comunicação, é sua capacidade de inclusão e abrangência de todas as expressões culturais.

A revolução logo-icônica neste século, tem alterado os comportamentos humanos.

Valores são homogeneizados, na cristalização de padrões universais do comportamento.

Rompe-se a relação entre lugar e alimento, por exemplo. A comida industrial não possui nenhum vínculo territorial. O hambúrguer da Mac Donald é consumido da Indochina à Patagônica; à cultura tradicional, propõe-se uma nova, forjada nos cultuemas, conhecimentos fragmentados, heteróclitos. Estabelece-se também uma visão passiva e acrítica do mundo, onde a televisão corresponde ao periscópio que emerge o homem ao social, periscópio controlado pelos formadores de opinião pública, os mass mídia.

A essa padronização emergem algumas resistências, como o retorno à tribo.

BERMAN (1986) comenta que modernidade anula fronteiras geográficas, raciais, nacionalidades, religiões, ideologias. A modernidade une a espécie humana? Em verdade, numa unidade de desunidade: ambiguidade e angústias. Tudo, na pós-modernidade, é volátil para consumo fácil e, como diz Marx, “O que é sólido se desmancha no ar”.

“A aceleração crescente do progresso, transforma a civilização em produto biodegradável, incapaz de servir de apoio estável para a vida humana, sem o qual esta não se pode construir. O progresso se devora a si mesmo, não permite ao homem demorar-se fecundamente no proveito da última colheita, determina a erosão do presente e do passado e submerge o mundo da maré alta do niilismo”.

A consciência pós-moderna, exprime o desenraizamento das formas e dos homens.

O problema central portanto, é o da identidade. O homem pós-moderno ao ser homogeneizado perde a sua identidade, a sua circunstância, como diria Ortega Y Gasset.

A revolução cibernética, traz uma nova tecnologia que permite, com a informatização, a posse do espelho, o conhecimento. O homem incapacitado ao uso de um computador, é reconhecidamente um analfabeto ao início deste século. O uso da nova tecnologia permitirá ao mesmo um arsenal competitivo de informações para que possa ocupar um lugar no mercado de trabalho.

QUINTA DIMENSÃO: NOVOS VALORES NO COTIDIANO

Edgar Morin, ao refletir sobre os novos paradigmas da modernidade, comenta que “o homem não pode ser reduzido à sua feição técnica de homo-faber, nem à sua feição racionalista de homo-sapiens. É preciso considerar, na feição do homem, o mito, a festa, a dança, o canto, o êxtase, o amor, a morte, o despropósito, a guerra...é preciso não rejeitar como ruído, resíduo, desperdício, afetividade, o nervoso, a desordem, o acaso. O homem verdadeiro encontra-se na dialética do sapiens-demens”.

E os valores? Honra e dignidade pessoais são hoje meros valores de troca. Estabece-se o poder de mercado na vida interior do homem moderno. Velhas formas de honra e dignidade não morrem; são incorporadas ao mercado, ganham etiqueta de preço, ganham nova vida, enfim, como mercadorias. Eis a essência do Nihilismo Moderno.

Goethe buscou na civilidade a referência, identifica-se para eles, como renúncia, desistência da inconsequência, da paixão e da felicidade intensa. O humano para ele, consistia numa auto-limitação. Os fundamentos da crise contemporânea não estão em segmentos específicos como a economia ou a ciência mas, são crises que pela sua magnitude atingem os próprios fundamentos da vida humana. Há uma nova relação de paradigmas na cotidianidade, uma ruptura com valores anteriores onde a deterioração do cotidiano humano afeta os projetos individuais de vida.

Primeiramente deu-se uma perda na disponibilidade do lazer urbano. As circunstâncias do ritmo de vida estabeleceu o fator tempo agregado à fluidez do instante. A felicidade, os momentos prazerosos são cada vez mais delimitados em minutos. Altera-se a espessura do cotidiano. Minimiza-se o sujeito na afluência do indivíduo.

“Chamo de sujeito o desejo de ser um indivíduo, de criar uma história pessoal, de atribuir significado a todo um conjunto de experiências da vida individual. (...) A transformação de indivíduos em sujeitos resulta da combinação necessária de duas afirmações: a dos indivíduos contra as comunidades, e a dos indivíduos contra o mercado”. (TOURAINÉ, 1995)

Fatores sócio-econômicos ampliam as pequenas multidões marginais, errantes, inquietando o homem urbano, levando-o a encastelar-

se. Que são os condomínios horizontais se não os pós-modernos castelos medievais, onde o fosso é representado por altos muros, garantidos por pequenos exércitos de mercenários e cercado pela plebe, a gentilha maltrapilha dos infortunados? Tangido pelas circunstâncias o homem urbano cada vez mais se distancia de suas referências, perde o horizonte de suas caminhadas e casarios contemplados.

Há uma atomização das referências. Gradativamente fundamenta-se a exclusão do homem em seu próprio habitat urbano. Encastelado na restrição residencial, distancia-se do próximo e identifica-se com o distante em processo de alienação inexorável.

Paira no ar uma nova religiosidade, fundamentada na energia do consumismo. Seus templos, os shopping-centers, onde multidões sequiosas de fé percorrem novos caminhos para Santiago (corredores entre as lojas), perfazendo, com a parada obrigatória em altares (vitrines das lojas), a via sacra da pós-modernidade. Os novos deuses? Eletrodomésticos, equipamentos eletrônicos, roupas, jóias, enfim, o objeto deificado. Para os pecadores (os que não têm recursos para o culto), há uma nova indulgência: os cartões de crédito. Paira no ar um novo homem, frágil criatura imersa no oceano dos mass mídia.

O trabalho perde o conteúdo da produção (poiesis), mantendo-se apenas a ação (praxis).

A pós-modernidade despoja do homem o prazeroso da criação da poesia, do seu caráter pessoal. As relações novas geram no trabalho uma atividade anômica, mecânica. A humanização nas relações do trabalho torna-se imperativo para o resgate da civilidade.

Das conversas cotidianas, flui apenas o gélido monólogo pós-moderno, onde indivíduos e não mais pessoas, estabelecem uma relação intensa com os meios passivos de comunicação, notadamente a TV. As praças, os parques, os bares minimizam os seus espaços ou são invadidos pela televisão, ausente da dialética da conversação.

Enfim, “a vida perdeu a continuidade, o futuro é cada vez mais incerto. A vida humana, que é constitutivamente projeção, impulso para o futuro, está ameaçada de projetar-se no vazio por lhe faltar radicação no presente e também no passado.

O INCONCLUSO

Vadeamos pelos vales enxertados de ilogicidades na dimensão do sonhos. Na contemporaneidade da clonagem humana buscamos o previsível na queda aleatória de búzios. Na tribulação genética e suas radicalizações talvez o próximo degrau para a comunhão. Das lágrimas tórridas da miséria humana, a dimensão geopolítica da fome, talvez o ainda discreto ponto cromático da esperança. Eis o sapiens. A existência eivada de fluxos e refluxos, a consciência de sua finitude, golfadas de angústia e a dieta cotidiana de vida. Retoma-se os caminhos de Santiago e investe-se energia por alguns meses na expectativa de vidae, ao mesmo tempo, destrói-se e mutila-se em conflitos sapienscidas.

“No deserto supercivilizado que nunca para de se estender, deserto em que, dia a dia, assistimos à humilhação do gênio pelo entendimento vulgar, do herói pela mediocridade hedonista, do criador pelo pedante, do escritor pelo escriba, do espírito livre pelo homem de chumbo, em suma, da exceção pela regra, a afirmação de si mesmo talvez seja a ótima maneira de abrir os braços à aventura, ou seja, de reencontrar o sal da existência. (JACCARD, 1989)

BIBLIOGRAFIA

BERMAN, Marchall. *Tudo que é sólido desmancha no ar. A aventura da Modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

CASSIRER, Ernest. *Ensaio sobre o homem: Introdução a uma filosofia da cultura humana*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

CASTELLS, Manuel. *Fim de Milênio*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

DANTO, Arthur C. *As idéias de Sartre*. São Paulo: Cultrix, 1978.

JACCARD, Roland. *O Indivíduo. Entrevistas do Le Monde*. São Paulo: Editora Ática, 1989.

KUVAWSKI, Gilberto de Mello. *A crise do Século XX*. São Paulo: Editora Ática, 1988.

MARCUSE, Herbert. *A ideologia da Sociedade Industrial*. Rio de Janeiro: ZAHAR Editores, 1969.

ORTIZ, Renato. *Mundialização e Cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

TOURAINE, Alain. *A formação do sujeito*. IN DUBET e NIEVIORKA (orgs.) Paris: FAYARD, 1995.